

**RELAÇÃO “PROFESSOR-ALUNO”:
DESAFIOS E SATISFAÇÕES NO TRABALHO INTERATIVO E DIALÓGICO**

Karoline de Rezende Pimenta (UEL)

Luísa Negrão de Sousa (UEL)

RESUMO: O presente artigo é resultante do estágio proposto pela disciplina Práticas de Ensino de Língua Portuguesa, do curso de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Assim, diz respeito ao relato de experiências vividas em estágio no Colégio Estadual José Aluísio Aragão, mais conhecido como “Colégio de Aplicação”, com duas turmas de oitavo ano. Todas as vinte horas de regência contemplaram conteúdos gramaticais e atividades de interpretação e produção de textos, através dos quais foi possível a reflexão da importância do diálogo em sala de aula para a humanização do contexto escolar e do mundo, além de este ser peça fundamental para a ampliação de conteúdos pragmáticos – tradicionalmente impostos- em ações dialógicas e interativas que fossem organizadas e espontâneas. Nesse sentido, o trabalho busca mostrar o quão recíproca é a relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo; Interação; Sala de aula

1 Introdução

O estágio obrigatório está presente na disciplina Práticas de Ensino de Língua Portuguesa, abordada no terceiro e quarto ano do curso de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. No terceiro ano são realizadas atividades com o Ensino Fundamental II, já no quarto ano, com o Ensino Médio. Dessa maneira, nos é ofertada uma grande oportunidade de colocar em prática os ensinamentos teóricos recebidos na faculdade e também de conhecer o meio escolar.

O estágio foi realizado no Colégio Estadual Professor José Aloísio Aragão, mais conhecido como “Colégio de Aplicação da UEL”, situado na rua Piauí, no centro da cidade de Londrina-PR. Atualmente, o Colégio está incorporado como órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina (UEL), vinculado academicamente ao Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), sofrendo gerência Acadêmica da Secretaria de Estado da Graduação (SEED) e administrativa da Universidade Estadual de Londrina e atende

alunos do Ensino Fundamental e Médio, além de possuir cursos de Línguas Estrangeiras e também Educação Profissional – Técnico em Enfermagem.

No estágio, sob a orientação da professora Sheila Lima e com a supervisão da professora Marciane Cocchi Dorta, as práticas foram efetuadas com as turmas dos oitavos A e C. Os encontros se davam às terças-feiras, das 07h30 às 10h00, quartas-feiras, das 08h20 às 11h55, quintas-feiras, das 7h30 às 9h10 e sextas-feiras, das 8h20 às 10h00. Com a duração de 11/09/2018 a 05/10/2018.

O contato com os alunos, a escola e os professores se deu através da observação de dez aulas, da correção de atividades e, por fim, da regência. Com isso, foi possível construirmos reflexões acerca da relação “professor-aluno” e “estagiário-aluno” em um período de 24 dias, sendo este suficiente para a constatação do diálogo em sala de aula como peça indispensável para a transformação e humanização do mundo, de modo a contribuir para a construção de sujeitos dialógicos e problematizadores.

Assim, através de atividades de produção e interpretação de textos e por meio de conteúdos gramaticais fomos percebendo a relevância do papel de educadores humanistas que levam em conta a realidade dos alunos, sem que o conteúdo programático fosse uma imposição, mas ao contrário: uma espontânea e organizada possibilidade de se transformar em diálogo.

2. Fundamentação

A psicologia sócio-histórica e, dentro dela, as práticas sociointeracionistas apontam para a discussão de um movimento de constituição de todo homem através das relações que são estabelecidas com os outros, visto que desde que nascemos entramos num processo histórico de dois lados: um deles oferece visões e dados sobre o mundo, enquanto o outro lado abre espaço para a elaboração de uma visão pessoal acerca do mundo. Como seres sociais, portanto, nossa história é constituída e formulada com a participação dos outros e de livres escolhas próprias do patrimônio cultural da humanidade.

Vygotsky (1978), em sua teoria sociointeracionista, consolida uma visão de desenvolvimento humano com base na ideia de que o pensamento se dá em um ambiente cultural e histórico, ou seja, os indivíduos são resultado de processos interativos que ocorrem

no decorrer do tempo. Além disso, nessa linha de pensamento, o autor dá destaque à linguagem, visto que é por meio dela e nela que o pensamento torna-se passível de partilha. Assim sendo, na fala os significados sociais são compreendidos, além de esta ser atravessada por expressões afetivas que atraem as interações. Constatase, dessa maneira, ação e fala unidas na coordenação, inclusive, do pensamento discursivo.

Haja vista que na perspectiva sócio-histórica as interações sociais dizem respeito a um ser humano em contínua transformação e construção, por meio das quais adquire e confere novos sentidos e olhares para o mundo, a sala de aula e, especialmente, a relação entre professores e alunos, faz parte do processo sociointerativo. Para isso, no entanto, é substancial que as interações sejam valorizadas e mais ainda: que o professor seja articulador dos conhecimentos favorecendo as parcerias na classe, de modo que todos tenham a possibilidade de falar e levantar hipóteses que auxiliem o aluno a se identificar como parte de um processo dinâmico, espontâneo e interativo. Tem-se, portanto, o ambiente escolar como laboratório, onde a interação abre espaço para o embate com as diferenças e para o conjunto de múltiplas vozes que evocam sentidos novos ou modificados na individualidade dos alunos.

Nessa perspectiva, a organização do trabalho em sala de aula deve contemplar o aluno como alguém com quem o docente pode e deve contar, além disso, cada um tem o seu lugar. Com isso, torna-se possível uma apropriação da cultura de maneira ativa, através da qual o sujeito promove uma síntese pessoal dos sentidos convencionais aplicados no meio social. São construídos, então, diversificados modos de pensar por meio da apropriação do saber da comunidade na qual o indivíduo está inserido.

Sendo ambiente privilegiado para promover profundas e valiosas interações com o conhecimento previamente elaborado, a escola é uma importante fonte de ampliação conceitual. Ademais, nas interações professor-aluno e aluno-aluno, o ajuste dos sentidos e significados facilita para além da apropriação do legado cultural: favorece a elaboração de valores para um novo olhar sobre o mundo físico e social e a mudança do conhecimento espontâneo para o científico. Isto é, a escola dá a possibilidade de os conceitos assistemáticos dos alunos, construídos em suas relações cotidianas, adquirirem nova significação, assim acabam sendo inseridos em um sistema abstrato e, conseqüentemente, no conceito científico, cuja aprendizagem se dá na e pela interação entre professores e colegas, e também,

previamente, se sustenta em um conjunto de conhecimentos resultantes de experiências diárias de crianças ou adolescentes, as quais passam a ser as mediadoras de novos saberes e de novas aprendizagens.

Ainda sobre os conhecimentos espontâneos, é imprescindível que o professor questione, instrua e informe o aluno, a fim de que sejam expostos estes seus conhecimentos e, então, sejam suporte para o desenvolvimento e o mais amplo conhecimento sobre a realidade social e física. Com isso, crianças e adolescentes constituiriam e aperfeiçoariam seu modo de ser social, através também da soma de suas experiências e, principalmente, de vivências das diferenças. Passando, portanto, pelos aspectos sociais, intelectuais e emocionais, as relações que se dão no ambiente escolar encontram na escola estímulo para que sejam desenvolvidas de modo profundo, assegurando reflexões sobre o mundo.

É essencial salientar que, apresentando-se motivados, os alunos se inserem no canal interativo de modo a estarem envolvidos em discussões e apontamentos, sentindo-se estimulados e com desejo de participar, desde que os professores – com postura criativa-utilizem ferramentas atraentes as quais, internamente, mobilizam a classe. Assim, sem dúvida, será proporcionado um encantamento com a vida social e pessoal por parte dos alunos e, ainda, por parte dos docentes que podem muito bem se deparar com o real sentido de suas vidas por meio da vida de seus alunos. Tanto é que, no processo ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno deve ser assinalada pela bi-direcionalidade, isto é, pelos efeitos do professor sobre o aluno, bem como do aluno sobre o professor, por conseguinte, construindo uma relação recíproca.

Em tal relação, para que seja eficiente e frutífera, segundo Gadotti (1999), deve existir a prática do diálogo, na qual o educador, antes de mais nada, deve colocar-se na posição de quem não sabe tudo, e não, ao contrário, de detentor do saber. Dessa forma, reconhece que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida, além disso, guiado assim, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se vê como pertencente e contemplado pelos métodos e pelas atitudes de estímulo em sala de aula e no ambiente escolar como um todo. O aprender não é uma tarefa que, espontânea e expressivamente, causa prazer nos alunos, visto que as tradições pregam-no como uma

obrigação, para tanto, cabe ao professor o árduo trabalho de provocar a curiosidade, de buscar incessantemente por novos conhecimentos e de dar ao aprendizado caráter prazeroso.

O conhecimento, sendo um produto das relações humanas marcado cultural e socialmente, deve ser pensado firmemente para que não seja construído e compreendido como algo individual. No que diz respeito à relação professor/aluno, o professor possui um papel relevante que consiste em agir como mediador entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação destes. Todavia, para que isso aconteça, é indispensável falar a mesma língua do aluno.

é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentada numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e paradigmas da sociedade. (ABREU; MASETTO, 1990, p. 115)

Logo, a relação professor/aluno, em meio ao ensino/aprendizagem, depende fundamentalmente do ambiente estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também que o professor deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia no mundo real, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

Tendo em vista a complexidade e a profundidade dos aspectos que envolvem uma sala de aula, nossos maiores desafios apontavam justamente para o trabalho de conciliar a construção de pontes para o conhecimento e um bom ambiente em sala de aula, onde predominaria relação empática mútua entre estagiárias e alunos. Tais desafios, também, apareciam no momento de planejarmos as aulas de maneira que pudéssemos trabalhar o lado positivo e livre dos alunos tecendo a formação de um cidadão consciente de si mesmo, de sua parte no “jogo interativo” e de suas responsabilidades sociais. Assim, buscamos o caminho do ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos a fim de que os conteúdos pragmáticos, de maneira atrativa, ultrapassassem a ideia de obrigação e monotonia. Para o

êxito de nosso trabalho, então, foi necessário que nossos objetivos, em cada plano de aula de ambas as turmas, fossem ao encontro de verbos como “refletir”, “compreender” e “discutir”.

3. Relato de experiência: desafios e satisfações no trabalho interativo.

No primeiro dia de estágio, fomos apresentadas às turmas pela professora Marciane, que corrigia e revisava o conteúdo para a prova. Seguimos observando as próximas dez aulas, até o dia da nossa primeira regência.

Iniciamos nossa regência apresentando aos alunos um vídeo sobre a importância dos estudos científicos, assunto o qual seria tratado no decorrer das próximas aulas, e logo depois, fizemos a leitura do texto “O vício de comer” – presente no livro didático- e passamos alguns exercícios de interpretação para serem feitos em casa. A princípio, a turma 1 se mostrou bastante participativa em relação à leitura do texto proposto, enquanto a turma 2 teve participação menos expressiva, além de os alunos estarem tímidos, mas sempre respeitosos. No final, tivemos a impressão de que gostaríamos mais de dar aula para a turma 1.

No dia seguinte, em nosso segundo dia de regência, retomamos a última aula e fizemos a correção dos exercícios. A turma 1, ao contrário do que esperávamos, estava muito agitada e a aula foi tumultuada, com pouco interesse dos alunos, além disso, ficamos bastante desanimadas com a quantidade de alunos que fizeram os exercícios que pedimos. Já a turma 2, que antes parecia desinteressada, nos surpreendeu com o elevado número de alunos que fizeram os exercícios e, mais ainda, com as respostas corretas. Também, ficaram atentos e demonstrarem interesse. Com isso, nosso julgamento acerca dos perfis das salas mudou completamente.

Depois de discutirmos sobre o gênero “artigo científico”, na terceira aula fizemos a leitura de dois textos sobre obesidade, a fim de conscientizar os alunos acerca desse assunto, e logo depois passamos uma proposta de produção individual de um texto de divulgação científica com o tema abordado na aula. Sentimos na turma 1 uma mudança expressiva de olhar sobre nós, de modo que pareciam pouco receptivos e interessados. Tanto é que delongaram para produzir o texto e foram desrespeitosos, como quando pedimos silêncio e uma aluna “revirou os olhos”, e também quando um dos alunos fez um gesto obsceno ao pedirmos colaboração. Já na turma 2, o clima era bastante agradável, apesar de no começo

estarem quietos, depois se mostraram empolgados com a proposta na produção textual. No final, nos sentimos respeitadas e acolhidas, diferentemente, de nosso sentimento em relação à turma anterior.

Na quarta aula, após a produção de texto, decidimos passar uma proposta diferente: em dupla, os alunos deveriam trocar seus textos produzidos na aula anterior e corrigir a produção do colega. Tal proposta ressaltou a importância da parceria entre os alunos em sala de aula, além de potencializar a autoridade de cada um. A turma 1, infelizmente, recebeu a proposta sem empolgação, mesmo assim, alguns procuraram se dedicar à atividade. Por outro lado, a turma 2 expôs bastante animação no momento de corrigir o texto do colega.

Começamos a quinta aula com a proposta de um trabalho em grupo sobre o uso dos porquês. Separamos as turmas em grupos que não fossem por afinidade e distribuimos a atividade. Lemos um texto de autoria de nossa colega de classe, Amanda Damasio, no qual apareciam as ocorrências. Para nosso êxito, este contribuiu para a realização dos exercícios, além de ter sido uma ferramenta fundamental para que as turmas ficassem atraídas pela atividade. Em seguida, entregamos para cada grupo uma ocorrência do porquê e pedimos para que eles explicassem o motivo daquele uso em determinadas frases e, ainda, construíssem exemplos. Na turma 1, tivemos uma resposta positiva, visto que os alunos se mostraram dispostos e empenhados na hora de produzir a atividade, bem como aconteceu, para nossa surpresa, na turma 2, na qual percebemos o mesmo empenho e interesse.

No sexto dia, foi feita nossa avaliação. Para tanto, em nosso planejamento, havíamos decidido trabalhar com as conjunções coordenativas. Assim, ouvimos uma música (sobre a qual fizemos diversas interpretações interagindo com os alunos) que possuía várias conjunções, logo depois explicamos todo o conteúdo, e passamos alguns exercícios como tarefa de casa. Enquanto a turma 1 demonstrou bastante desinteresse, além de conversar muito e promover desorganização do ambiente, a turma 2 demonstrou empatia ao saber que estávamos sendo avaliadas, por isso, manteve silêncio na hora da explicação e foi bastante participativa.

Por fim, no último dia, corrigimos as atividades acerca das conjunções. Na turma 1, fomos surpreendidas com a motivação dos alunos, especialmente no momento da leitura, já que aqueles que antes demonstravam desinteresse, agora, ficavam empolgados para participar

e ler as atividades. Com isso, o clima da sala ficou bem leve. Ao final, agradecemos pela colaboração de cada um e destacamos a importância daquela experiência para nossa vida e, finalmente, sentimos o acolhimento por parte de alguns deles. Já na turma 2, os alunos mantiveram interesse e simpatia. Também, ao final, salientamos a importância da turma para que nossa vivência fosse tão positiva, além disso, agradecemos pelo respeito e bom humor contínuo de todos. Depois de nosso “discurso de despedida”, fomos surpreendidas com uma fila de abraços, ato este tão sensível e sincero, que nos fez deixar a sala muito contentes e emocionadas. Por fim, entendemos que cada turma tem sua particularidade e em todos os momentos buscamos estabelecer uma relação empática com os alunos e proporcionar um ambiente agradável.

4. Observações finais

Como já apontamos, a organização do trabalho em sala de aula deve contemplar o aluno como parte do jogo interativo, isto é, alguém com quem o professor pode e deve contar. Em nossa experiência de estágio, felizmente, esse aspecto foi expressivo, haja vista a disposição dos alunos no momento de leitura em voz alta e de interpretação e compartilhamento de reflexões acerca dos textos trabalhados. Além disso, tal participação aliada ao interesse demonstrado por boa parte dos alunos de ambas as turmas foi um fator decisivo e fundamental para a compreensão dos conteúdos, especialmente os gramaticais, como emprego dos porquês e das conjunções coordenativas. Desse modo, constatamos a ideia de que, apresentando-se motivados, os alunos se inserem no canal interativo de modo a estarem envolvidos em discussões e apontamentos relevantes para a prática do diálogo e para o encantamento com a vida social. Do contrário, ficou evidente que a falta de motivação e interesse, bem como observada na turma 1 é um obstáculo para as múltiplas trocas- tanto de conteúdo quanto de experiências- que perpassam a sala de aula.

Tendo em vista que o conhecimento - como resultado de relações humanas marcadas cultural e socialmente- deve ser pensado criticamente para que não seja compreendido e tecido de modo individual, foi necessário que valorizássemos os trabalhos em grupos, como os referentes à correção em dupla das produções de texto e às ocorrências dos porquês. Com tais práticas, ficou claro o entendimento de que a sala de aula é um laboratório da prática do

diálogo, além do mais, foi desse modo que refletimos sobre a posição do educador, o qual não deve se colocar como detentor dos saberes, mas alguém aberto aos conhecimentos espontâneos dos alunos. Fêxitooi assim que oferecemos a eles a autonomia de manejar os conteúdos dos trabalhos em grupo, de modo que fossem trabalhados tanto o lado positivo de cada um, quanto a formação da consciência das responsabilidades sociais de cada indivíduo.

Ainda, no que diz respeito à construção de sujeitos sociais conscientes, a discussão acerca de temas relevantes – como obesidade- foi substancial para que fossem conferidos novos sentidos e olhares para o mundo. Isso, no entanto, só era possível quando fatores como sono (especialmente na primeira aula do dia) ou agitação pré e pós intervalo perdiam expressividade. Sendo assim, o papel do professor como articulador e mediador dos conhecimentos era mais eficiente, fato que favorecia as parcerias na classe, de maneira que todos tinham a possibilidade de falar, levantar hipóteses e, por conseguinte, identificar-se como parte de um processo interativo, dinâmico e espontâneo. Além disso, a discussão de temas importantes para a sociedade abria espaço para o embate com as diferenças e para o conjunto de diversas vozes que provocam novos sentidos na individualidade de cada um da turma. Acreditamos, assim, que nosso trabalho em sala de aula, devido à ótima orientação da professora Sheila Lima e de um planejamento empático favoreceu, em certos momentos, a elaboração de valores para um novo olhar sobre o mundo e sobre as relações cotidianas e, acima de tudo, permitiu que os alunos passassem a ser mediadores de novos saberes.

É necessário destacar que, ao final de nossa experiência como estagiárias, nosso maior aprendizado foi sobre a relação empática e sensível que envolve, fundamentalmente, a sala de aula. Foi ela que nos deu a capacidade de ouvir, discutir e refletir nossos conhecimentos e também os dos alunos, de modo que ganhávamos a cada dia a vocação para educá-los para as mudanças de olhar e sentido sobre seus próprios conhecimentos. Assim, sentimos que as novas significações que possivelmente provocamos nos alunos foram essenciais para que nós duas construíssemos, com eles e através deles, novos sentidos e olhares que estimulam o empenho em nossa formação de professoras de Língua Portuguesa.

Referências

ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. *O professor universitário em aula*. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1999.

OLIVEIRA, Marta K. de. Vygotsky. *Aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.